

LIPMAN: DA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS À PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO PARA O PENSAR¹

Jaeliton Francisco da Silva ²
Orientador: Junot Cornélio Matos ³

RESUMO

No decorrer da história da filosofia as crianças e as infâncias nem sempre ocuparam lugar de destaque nas discussões filosóficas, porém, desde a criação do Programa Filosofia para Crianças (PFpC) pelo professor Matthew Lipman novos espaços foram surgindo e as crianças e as infâncias ganharam mais notoriedade nessas discussões. Diante disso, este trabalho consiste em uma pesquisa teórica de natureza bibliográfica com o objetivo de realizar uma reflexão sobre os pressupostos teóricos metodológicos do PFpC de Lipman e a sua proposta de uma educação para o pensar. Para atingir ao objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e utilizados como fundamentação teórica os estudos do próprio criador do PFpC, Lipman (1990; 1995; 1997; 2000), além de outros pesquisadores importantes que têm contribuído em ajudar a compreender a proposta de Lipman como: Kohan (2000; 2011); Cirino (2016); dentre outros. A pesquisa possibilitou a compreensão de que o Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman apresenta diferentes contribuições para pensarmos uma educação para além da reprodução de conteúdos, ou seja, uma educação que pudesse transformar as salas de aulas em comunidades de investigação, na qual a educação passasse a ser vista numa perspectiva de educação como investigação e que o papel central da sala de aula não fosse ocupado apenas pelo professor, contribuindo assim para que as crianças também possam contribuir com os processos de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia, Filosofia para crianças, Infâncias, Matthew Lipman.

INTRODUÇÃO

Na filosofia, as discussões sobre infância/infâncias e crianças nem sempre ocuparam relevantes espaços enquanto problemas filosóficos. Em Platão, por exemplo, mesmo tendo seu lugar nas discussões sobre a educação desse filósofo, ela, a infância/criança, só era vista enquanto uma fase da vida de preparação para o futuro adulto, ou como afirma Kohan (2003, p. 25-26): “[...] as crianças chegarão a ser os filósofos que governarão adequadamente a *pólis* e, dessa maneira, nos permitirão conformar a *pólis* que desejamos produzir” (grifos do autor)⁴.

¹ Este texto trata-se de um recorte de um dos capítulos da Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, defendida em janeiro de 2022.

² Mestre e Doutorando em Educação da Universidade Federal de Alagoas - AL, jaelitonufal@hotmail.com;

³ Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, junotcmatos@gmail.com.

⁴ Para maiores aprofundamentos sobre as discussões da educação das crianças em Platão, sugerimos a leitura de KOHAN, Walter Omar. Infância e educação em Platão. **Educação e Pesquisa**, v. 29, p. 11-26, 2003.



Em relação à negação da infância enquanto força/potência/possibilidade em vários momentos da história da filosofia, Salles (2008), chama a atenção em apresentar que, por muito tempo, a criança e a infância/infâncias foram vistas por muitos filósofos enquanto impossibilidade, falta, negação, especialmente no que diz respeito à sua possibilidade de fazer/praticar/experienciar a filosofia.

No entanto, essa mesma história tem nos mostrado que aos poucos a infância e as crianças foram tomando outros lugares nas discussões filosóficas e, apesar de muitos continuarem negando a sua potência (Platão; Montaigne), tantos outros (Rousseau; Kant; Foucault; Larrosa, Agamben, dentre outros) começaram a vê-las enquanto possibilidade, força e afirmação.

Para além desses filósofos clássicos, outros espaços de discussões sobre filosofia e infância surgiram, principalmente, relacionados com a presença da filosofia na escola de educação básica. As discussões mais significativas tiveram início na década de 1960 com a criação do Programa de Filosofia para Crianças (PFpC) do filósofo e professor Matthew Lipman (1923-2010) e, mais tarde, com os diversos e significativos estudos sobre filosofia, infâncias e experiência de pensamentos em Walter Kohan.

O PROGRAMA DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS DE MATTHEW LIPMAN

A tentativa mais significativa para pensar a possibilidade de aproximação entre a filosofia e as crianças na escola teve início em 1969, pelo professor e filósofo Matthew Lipman. O programa denominado de FpC tinha como principal objetivo possibilitar, por meio da filosofia na escola, que crianças, adolescentes e jovens aprendessem a pensar por si mesmos, pudessem praticar a filosofia desde a infância (LIPMAN, 1995).

Essa proposta teve início quando Lipman ainda trabalhava como professor de Introdução à Lógica na *Columbia University*, em Nova York. Durante suas aulas, esse professor começou a perceber falhas no raciocínio e na forma como seus estudantes expressavam seus pensamentos durante as aulas. Depois de longos estudos/pesquisas sobre o que levavam esses estudantes a terem problemas de raciocínio, Lipman percebeu a necessidade de os estudantes estudarem Lógica e Filosofia, antes mesmos de entrarem nos cursos da educação superior (LIPMAN, 2000).

Nesse mesmo período (década de 1960) estava acontecendo em diferentes partes do mundo manifestações de estudantes visando melhorias nas universidades, maiores possibilidades de acesso, dentre outros aspectos que iam de encontro com a visão de universidade elitista da época.

Em Lipman (1995), também é possível observar algumas de suas principais críticas ao modelo padrão/tradicional de educação ao qual ele condena. Esse filósofo descreve uma lista do que ele chama de “suposições predominantes do paradigma-padrão da prática normal” da educação:

1. A educação consiste na transmissão de conhecimentos daqueles que sabem para aqueles que não sabem.
2. Os conhecimentos referem-se ao mundo, e o nosso conhecimento acerca do mundo é inequívoco, explicável e não ambíguo.
3. Os conhecimentos são distribuídos entre as disciplinas que não são coincidentes e que juntas completam o universo a ser concluído.
4. O professor desempenha um papel que lhes confere autoridade no processo educacional, pois somente se os professores tiverem conhecimentos é que os alunos podem aprender o que sabem.
5. Os alunos adquirem conhecimentos por intermédio da absorção de informações, i. é, de dados sobre assuntos específicos; uma mente bem educada é uma mente bem estruturada (LIPMAN, 1995, p. 29).

A partir das observações feitas por Lipman, da sua crítica ao modelo tradicional de educação e das manifestações que estavam ocorrendo nos EUA, esse professor começou a refletir sobre o que, de fato, suas aulas e a forma como elas eram ministradas podiam contribuir para melhorar a educação da época.

Ora, a preocupação de Lipman, nesta época, estava relacionada em como as aulas de Lógica ministradas nos cursos superiores poderiam auxiliar na formação dos estudantes universitários, já que, devido à idade desses alunos, os hábitos linguísticos e psicológicos já estavam formados.

Além desses questionamentos e de seus estudos sobre as dificuldades que estudantes universitários tinham em estudar lógica, fatos que influenciaram no desenvolvimento do PFpC de Lipman, outra contribuição para a criação dessa proposta foi o acompanhamento que esse professor fez em uma turma de alfabetização de crianças com problemas de aprendizagem.

Ao realizar observações nessa turma, foi constatado que algumas crianças aprendiam a ler e outras não, com isso, Lipman sugeriu ao professor regente da turma que fossem desenvolvidas atividades nas quais as crianças tivessem que realizar inferências lógicas. Essas atividades possibilitaram resultados significativos, visto que os estudantes, em sua maioria, tiveram avanços significativos no processo de aprendizagem (KOHAN, 2000).

Com esses resultados, a conclusão que Lipman obteve foi a de que era possível trabalhar filosofia com as crianças, pois era possível aproveitar a lógica e conseqüentemente a filosofia para orientar os pensamentos das crianças, desde que fossem orientadas a pensar com mais habilidade. Assim, esse professor inferiu que é sim possível trabalhar filosofia às crianças, visto que, “[...] as crianças pensam, mas é preciso que pensem bem” (LIPMAN, 2000, p. 22).

Desta forma, foi por meio da intenção de despertar o pensar bem, ou como Lipman o chama, “pensar bem/pensamento de ordem superior”, que esse professor deu início ao desenvolvimento do seu Programa.

COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

A Comunidade de Investigação do programa de Matthew Lipman é considerada como o coração da proposta de trabalhar a filosofia com as crianças. Esse filósofo, ao propor essa metodologia, visava a transformação do ambiente escolar da sala de aula em um local de discussão.

O termo Comunidade de Investigação foi adaptado por Lipman a partir das ideias de Charles Pierce para ser usado com as crianças como forma de auxiliá-las no desenvolvimento de habilidades de pensamentos, ou seja, em fazer com que as crianças pudessem alcançar o pensamento de ordem superior, sendo esta metodologia o principal meio para que seja possível, em Lipman, praticar a filosofia na infância (KOHAN, 2000).

Para Lipman (1995), a CI consiste em um espaço no qual os estudantes podem debater/dialogar/questionar acerca de diversas questões relacionadas com os seus interesses e com o cotidiano de cada um. Nesse espaço, as crianças, realizam, também, as leituras das novelas filosóficas e conseqüentemente realizam as discussões sobre as temáticas filosóficas presentes nas histórias lidas e associando-as às suas experiências cotidianas.

Portanto, Lipman, ao fazer uso das ideias de Pierce, busca fazer com que ocorra o movimento do pensar que levam as crianças a buscar por respostas, argumentos e contra-argumentos por meio da experiência de pensamento e da prática dialógica-investigativa que é praticada por grupos formados por professores e estudantes, os quais, em conjunto, buscam respostas e problematizações de suas próprias experiências existenciais. Ao fazer isso, as crianças terão desenvolvidas as 4 (quatro) habilidades de pensamentos (investigação, elaboração de conceitos, raciocínio e tradução) defendidas por Lipman (CIRINO, 2016).



O termo investigação é, em Lipman, a “[...] perseverança na exploração autocorretiva de questões, consideradas, ao mesmo tempo, importantes e problemáticas” (LIPMAN, 1990, p. 37). Essa capacidade de autocorreção é uma das principais práticas que levam as crianças a desenvolverem o pensamento crítico, que se dá por meio do questionamento e da pesquisa, onde os conhecimentos que por ora eram considerados verdadeiros, são considerados como contestáveis, provisórios, falíveis (KOHAN, 2000).

Assim, de acordo com Kohan (2008):

[...] para Lipman a comunidade é ponto de partida e de chegada do diálogo filosófico, o marco de sentido da tarefa de cada investigador. Na sua perspectiva, a prática filosófica, entendida como diálogo coletivo infinito sobre a dimensão contestável da existência humana, requer não apenas o desejo de saber (a *philo-sophia*) por parte dos co-investigadores e o seu questionamento sem limites de todo saber adquirido, mas também a disposição em buscar caminhos de pensamento onde a própria comunidade, e não apenas os indivíduos, seja doadora de sentido a esse caminho (KOHAN, 2008, p. 31-32).

Consiste, assim, em um espaço onde o pensamento sobre uma determinada coisa acontece, pois há o diálogo constante entre os participantes da CI, os quais, buscam, de forma cooperativa, o consenso acerca da resolução dos problemas encontrados e aprendem a respeitar a opinião dos demais membros da comunidade investigativa.

Segundo Lipman (1995):

Uma comunidade de Investigação é uma sociedade deliberativa envolvida com o pensar de ordem superior. Isto significa que suas deliberações não são simples bate-papos ou conversações; são diálogos logicamente estruturados, todavia, não os impossibilita de atuarem como um estágio para o desempenho criativo (LIPMAN, 1995, p.302).

Vemos aqui, mais uma vez, o quanto este filósofo está preocupado com a prática dialógica na CI. Porém, não é algo que faz uso do diálogo por fazer, como se fossem apenas conversas aleatórios, sem fundamentos. Ao contrário disso, consiste em diálogos filosóficos, os quais os estudantes podem fazer uso para perceber as possíveis falhas existentes em seus pensamentos, já que é por meio do diálogo que é possível que seja desenvolvida a capacidade de reflexão sobre as diferentes temáticas trabalhadas.

Lipman (1995), em sua obra *O Pensar na Educação*, apresenta a diferença em uma simples conversa e o diálogo. Ele afirma que, “[...] Uma conversação não pode ser orientada ou dirigida, nem podemos, tampouco, tentar manipular de qualquer maneira as pessoas com as quais conversamos. As conversações acontecem por conta própria, como se fossem formas puras de arte” (LIPMAN, 1995, p. 338). Ao contrário disto, o diálogo é realizado por meio de manipulações, nós induzimos, por meio do diálogo, que uma pessoa chegue a um propósito pré-



estabelecido por nós, de certa forma, estipulamos um propósito ulterior para que seja alcançado por meio do diálogo.

É como se no processo de conversação as pessoas fossem, como afirma Lipman (1995, p. 339), “livres e iguais”, ou seja, “a direção que a conversação toma será determinada mais pelas necessidades da própria conversa que vão se apresentando do que pelas leis da consistência [...]”.

Já o diálogo:

[...] não é totalmente livre de propósitos, e pode muito bem compreender argumentos cujo objetivo seja o de persuadir. O diálogo, ao contrário da conversação, é uma forma de investigação, e como seguimos a investigação para onde ela conduzir, não podemos afirmar que nosso comportamento dialógico é não intencional. Nem tampouco aqueles que participam de um diálogo necessariamente deixam de elaborar argumentos a fim de convencerem os outros participantes da honestidade das suas convicções (LIPMAN, 1995, p. 340).

Ainda, de acordo com Lipman (1995, p. 342) “[...] as comunidades de investigação caracterizam-se pelo diálogo que é disciplinado pela lógica. Devemos raciocinar a fim de podermos acompanhar o que está ocorrendo em seu interior. [...]”. Nesse sentido, ao propor a transformação da sala de aula em uma CI, Lipman está propondo o desenvolvimento de atos lógicos, os quais contribuirão para que “se possa seguir o argumento para onde este conduz”.

Promover o diálogo, possibilita, assim, que as crianças realizem, mesmo sem ter consciência, várias atividades mentais (LIPMAN, 1997). Não é inédito, de acordo com o nosso pensar, que aprendemos mais nas aulas onde podemos expor nossos questionamentos, quando contribuimos com discussões e participando de debates do que naquelas às quais somos apenas receptores dos conteúdos historicamente acumulados.

Portanto, em todo o percurso da proposta de Lipman, é possível ver a importância que ele dá à experiência do diálogo em sala de aula, visto que quando um estudante se envolve em debates e discussões das temáticas propostas, essas estratégias o ajuda a melhorar suas respostas e a encontrar argumentos para sustentar seus pensamentos (LIPMAN, 1997).

Essa é a proposta defendida por Lipman, uma sala de aula na qual todos possam participar de diálogos e participar ativamente dos momentos de discussões, podendo refletir sobre seus pontos de vistas, buscando argumentos para sustentar suas opiniões e em refletir sobre o que o outro falou, ajudando-os a argumentar de forma mais sustentada.

Nessa proposta de participar da aula e de ajudar aos outros, evidencia-se no programa de Lipman a ênfase que é dada à aprendizagem colaborativa, em aprender com o outro por meio das experiências vividas. Esse pensador, destaca essa contribuição da CI, que segundo ele:



A comunidade de investigação, em certo sentido, é uma aprendizagem conjunta e, portanto, um exemplo da experiência partilhada. [...] representa a exaltação da eficiência do processo de aprendizagem, visto que os alunos que acreditaram que toda a aprendizagem significava aprender sozinho descobriram que podem também utilizar a experiência das outras pessoas e beneficiar-se dela (LIPMAN, 1995, p. 348).

A sala de aula transformada em uma CI, segundo a proposta de Lipman, consiste, assim, em um ambiente no qual os participantes (professores/professoras e estudantes) podem e devem usá-la para investigar, discutir e refletir criticamente sobre as temáticas que estão presentes nas novelas filosóficas.

Nesses espaços, o papel do professor é imprescindível, pois ele é o principal agente que irá mediar as discussões e auxiliar as crianças no desenvolvimento dos seus pensamentos. Para isso, é necessário que esse profissional tenha domínio sobre como o programa está organizado, quais as metodologias que devem ser utilizadas e ser um estudioso da filosofia, visto que “[...] conseguir com que os estudantes se envolvam num diálogo filosófico é uma arte. E, como em qualquer arte, um pouco de conhecimento é um pré-requisito” (LIPMAN, 1997, p. 157).

Tendo em vista isso, evidencia-se o que é a prática filosófica presente do PFpC de Lipman, sendo que, segundo Kohan (2008, p.32), como já enfatizado neste capítulo: é a prática filosófica é “entendida como diálogo coletivo infinito sobre a dimensão contestável da existência humana”, o que requer não apenas conhecimentos pré-estabelecidos, mas também a busca pela construção do próprio caminho de pensamento, onde todos, a comunidade, promovam os próprios sentidos para a investigação.

É o que demonstra, também, Cirino (2016) quando tece reflexões significativas sobre o movimento de exercício das habilidades de pensamentos em Lipman e, para esta pesquisadora:

[...] no movimento de exercitar, continuamente, através da filosofia para crianças, as habilidades de pensamento, elas - as crianças - aproximam-se de diversas formas de significação e de sentidos para o que é proposto, caminhando assim para a compreensão de tarefas e de suas maneiras de pensar e inferir sobre o mundo (CIRINO, 2016, p. 82).

Após essa análise da comunidade de investigação, cabe, agora, demonstrar as habilidades de pensamentos que fazem parte do programa de Lipman e como elas são necessárias para, segundo esse professor, contribuir para o desenvolvimento do pensamento de ordem superior nas crianças e adolescentes.

Assim, para a proposta de Lipman:

[...] o objetivo não é desnortear os estudantes levando-os ao relativismo, mas encorajá-los a empregar as ferramentas e métodos de investigação para que possam, completamente, avaliar evidências, detectar incoerências e incompatibilidades, tirar conclusões válidas, construir hipóteses e empregar critérios até que percebam as possibilidades de objetividade com relação a valores e fatos (LIPMAN, 1990, p. 22).

Mas, para que isso seja possível é necessário que sejam desenvolvidas, nas crianças, 4 tipos de habilidades cognitivas (habilidades de investigação, raciocínio, organização de informação e tradução) que, em conjunto, promovem o desenvolvimento do pensamento de ordem superior.

AS HABILIDADES DE PENSAMENTO

No Programa de Filosofia para Crianças, de Lipman, o Pensamento de Ordem Superior é composto pela junção de quatro habilidades de pensamento. Essas habilidades (habilidades de investigação, habilidades de raciocínio, habilidades de organização de informação e habilidades de tradução) são desenvolvidas tendo como base o diálogo presente na comunidade de investigação (LIPMAN, 1995, p. 65).

Em relação às habilidades de investigação, elas são as que possibilitam que as crianças possam fazer uso da autocorreção para pressupor e analisar hipóteses sobre diversos fatos do cotidiano. Por meio delas “[...] as crianças aprendem a associar suas atuais experiências com aquilo que já aconteceu em suas vidas e com aquilo que esperam que aconteça” (LIPMAN, 1995, 66). Assim, elas possibilitam o desenvolvimento de diversas formas de investigação, auxiliando os participantes a analisar e a encontrar explicações sobre como as coisas acontecem, como surgem, como são feitas, etc.

Já as habilidades de raciocínio consistem naquelas as quais as crianças utilizam para fazer uso de um conhecimento que elas já têm, para com isso obter um novo conhecimento sobre uma determinada coisa, isto é, é a possibilidade de ampliação de um determinado conhecimento, de permitir que possam ampliar as conclusões sobre algo que já sabiam (LIPMAN, 1995, p. 66).

No que concerne às habilidades de organização de informação ou formação de conceitos, Lipman enfatiza que por meio delas as crianças podem fazer uso para organizar as informações sobre uma determinada coisa e com isso relacionar os “[...] conceitos entre si a fim de formar princípios, critérios, argumentos, explicações etc.” (LIPMAN, 1995, p. 72).

O último grupo de habilidades, que é formado pelas habilidades de tradução, possibilita que as crianças realizem interpretações sobre um determinado acontecimento, transformando, ou melhor, traduzindo a linguagem natural em linguagem lógica (LIPMAN, 1995).

Como já afirmado e na comunidade de investigação, espaço no qual as crianças podem filosofar e podem aprender a pensar de maneira melhor, no qual as habilidades cognitivas são



aperfeiçoadas e assim, conseqüentemente, o pensamento de ordem superior é desenvolvido, tendo como principal meio o diálogo realizado com as leituras das novelas filosóficas. E é sobre esse aspecto do currículo de Lipman (novelas filosóficas) que tratamos neste próximo item.

AS NOVELAS FILOSÓFICAS

Novelas filosóficas são materiais didáticos formados por histórias infantis que as personagens, também crianças e jovens, participam de enredos que permitem que as temáticas e ideias dos filósofos sejam adaptadas para as idades do seu público. O desfecho das histórias e as leituras feitas em sala de aula que é transformada em uma comunidade de investigação, junto com as discussões das ideias nelas presentes, permitem que os leitores sejam levados ao desenvolvimento do pensamento de ordem superior (KOHAN, 2008).

Desta forma, a Filosofia é trabalhada de forma lúdica, possibilitando que o filosofar na escola seja realizado de maneira que possa ser entendido pelas crianças e que elas sejam despertadas para aprender a disciplina e sejam envolvidas no processo de ler e de filosofar.

Segundo Kohan (2000) as novelas filosóficas e os manuais para os professores:

[...] se propõem a reconstruir a história toda dos problemas que os filósofos vêm discutindo desde o tempo dos gregos, durante mais de vinte e cinco séculos. Assim, os pré-socráticos, os sofistas, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Tomás, Descartes, Spinoza, Locke, Hume, Leibniz, Hobbes, Kant, Mill, Hegel, Marx, Nietzsche, Collingwood, Sartre, Merleau-Ponty, Ryle, Wittgenstein e muitos outros estão “presentes” em romances e manuais. Lipman pretendeu reconstruir “imparcialmente e objetivamente”, com os limites do seu conhecimento, as posturas mais significativas a respeito dos problemas apresentados ao longo da história da filosofia [...] (KOHAN, 2000, p. 99).

A intenção de Lipman, no entanto, com esses recursos não é de transformar, segundo Lipman, as crianças em pequenos filósofos, mas o de possibilitar que elas possam refletir sobre seus próprios pensamentos e conseqüentemente vivenciar experiências filosóficas.

Diante disso, as habilidades de pensamento que são desenvolvidas nos estudantes que participam do programa de Lipman estão presentes nas novelas filosóficas criadas pelo percussor dessa proposta e seus auxiliares.

É claro que esse aspecto é um dos mais criticados⁵ do Programa de Lipman, principalmente por ele ser o que gera mais recursos devido ao alto custo da comercialização desses livros. Porém, este não é o momento ideal para tecer uma crítica sobre o Programa de Lipman, pois, no decorrer desta dissertação, outros espaços foram construídos para apresentar alguns problemas presentes no PFpC.

Para contribuir com nossas discussões, torna-se necessário apresentar algumas das informações acerca das novelas filosóficas de Lipman, quais habilidades são desenvolvidas com cada uma, para qual idade elas são direcionadas e quais áreas/campo da filosofia podem ser trabalhados com ela. Essas informações estão explicitadas no Quadro 2 que se segue.

Quadro 2 - Novelas filosóficas e principais habilidade desenvolvidas.

NOVELA IDADE	HABILIDADES
Elfi (5-6 anos)	Estabelecer relações, encontrar semelhanças e fazer distinções
Issao e Guga (6-8 anos)	Olhar/ver, tocar/apalpar, ouvir/escutar, saborear, cheirar, perceber, detectar pressupostos, levantar questão, brincar de ser outro, achar alternativas
Pimpa (9-10 anos)	Interpretar, criar metáforas, projetar modelos, realizar símiles, traçar comparações, avaliar analogias, estabelecer relações, dar e pedir razões e fazer perguntas
A descoberta de Ari dos Teles 10-13 anos	Conversação, padronização, ambiguidade, imprecisão, indução, lógica de relações, silogismo, lógica informal, verdade e validade, silogismo hipotético e contradição
Luisa 12-15 anos	Ter visão de conjunto, antecipar consequências, procurar consistências, levantar hipóteses, dar e pedir boas razões, universalizar, considerar o contexto, desenvolver a empatia, detectar pressupostos valorativos, levar em conta a intenção, considerar a verdade e a falsidade.
Satie 14-16 anos	Percepção estética tendo em conta: o sentido, a harmonia, a unidade, a complexidade, a expressividade e a textualidade.
Marcos 16-18 anos	Praticar a democracia, ser solidário, respeitar as regras, reconhecer e exercer direitos e dar e pedir razões.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores a partir das informações contidas em Kohan (2000, p. 89-96).

As novelas filosóficas não eram/são os únicos materiais de apoio didático/pedagógico do programa de Lipman, pois existem, também, materiais de apoio para os docentes, como os manuais que foram desenvolvidos para auxiliar os professores com o trabalho da filosofia em sala de aula (KOHAN, 2000). Com relação aos professores que irão atuar enquanto mediadores no PFpC, este é outro aspecto necessário que deve ser destacado sobre o programa de Lipman, pois este pensador afirma em *A Filosofia vai à escola* que:

⁵ A esse respeito ver Kohan, Walter Omar. *Infância: Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 97-109.; SILVEIRA, Renê José Trentin. **A Filosofia Vai à Escola?:** Contribuição para a crítica do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 2001.



O ensino da filosofia requer professores que estejam dispostos a examinar ideias, a comprometer-se com a investigação dialógica e a respeitar as crianças que estão sendo ensinadas. Os métodos atuais de formação de professores não primam por desenvolver essas disposições [...] (LIPMAN, 1990, p. 173).

Há em Lipman uma crítica também aos métodos tradicionais de formação de professores e a sua sugestão para que esse problema venha a ser resolvido é a substituição de professores que trabalham apenas com a concepção de memorização por professores que “privilegiem um pensamento ativo, enérgico e excelente” (LIPMAN, 1990, p. 174).

No caso específico da formação de docentes para atuarem no PFpC, Lipman (1990) afirma que, pelo fato de os professores, durante a graduação, não serem preparados para trabalhar com a filosofia com crianças, principalmente por não disporem de habilidades para traduzir os problemas filosóficos para que tornem acessíveis às crianças e mais, esses professores devem estar “dispostos a examinar ideias, a comprometer-se com a investigação dialógica e a respeitar as crianças que estão sendo ensinadas” (p. 173). Para desenvolver tais habilidades e preparar os professores para atuarem no PFpC, Lipman desenvolveu um curso de formação para prepará-los. Segundo Cirino (2016):

[...] Lipman compreende que é necessário o/a professor/a passar por uma experiência de formação na qual ele/a – o/a professor/a – irá vivenciar metodologicamente o mesmo processo mediador que desenvolverá posteriormente com seus/as alunos/as. Assim propõe que a formação do/a docente ocorra dentro de centros específicos de FpC (CIRINO, 2016, p. 84-85).

Assim, por meio de uma formação adequada, os professores estarão aptos, de acordo com Lipman, a promover nas salas de aulas discussões filosóficas e em auxiliar as crianças no desenvolvimento das habilidades de pensamento e conseqüentemente a alcançar o pensamento de ordem superior. Tal experiência de habilidades de pensamentos, é necessário ressaltar, que são promovidas a partir de situações reais do cotidiano das próprias crianças (CIRINO, 2016).

Como visto, Lipman pensou seu programa de maneira organizada e didaticamente planejada, desde a elaboração de um currículo específico (novelas filosóficas), uma metodologia própria (Comunidade de Investigação) até os cursos de formação para quem deseja atuar como professor em seu programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou os pressupostos teóricos e metodológicos do PFpC de Matthew Lipman e a sua proposta para uma educação para o pensar por meio do desenvolvimento de



habilidades de pensamento (raciocínio, argumentação, investigação, formação de conceitos), que caracteriza três tipos de pensamento (crítico, criterioso e cuidadoso). Para isso, recorreremos às publicações do próprio autor da proposta e de alguns dos principais comentadores/estudiosos do seu programa.

O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman apresenta diferentes contribuições para pensarmos uma educação para além da reprodução de conteúdos, ou seja, uma educação que pudesse transformar as salas de aulas em comunidades de investigação, na qual a educação passasse a ser vista numa perspectiva de educação como investigação e que o papel central da sala de aula não fosse ocupado apenas pelo professor, contribuindo assim para que as crianças também possam contribuir com os processos de ensinar e aprender.

REFERÊNCIAS

CIRINO, M. R. D. **Filosofia com crianças: cenas de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos Filosofias e Infâncias - NEFI, 2016.

KOHAN, W. **Fundamentos para compreender e pensar a tentativa de M. Lipman**. In: KOHAN, W. O.; WUENSCH, A. M. *Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Mathew Lipman*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 84-134.

KOHAN, W. O. *Infância e educação em Platão*. **Educação e Pesquisa**, v. 29, 2003.

KOHAN, W. O. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LIPMAN, M. **A Filosofia vai à escola**. Trad. Maria Elice de B. Prestes e Lúcia Maria S. Kremer. São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, M. **O Pensar na Educação**. Trad. Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, M. SHARP, A. M.; OSKANIAN, F. **A Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1997.

LIPMAN, M. **Como nasceu Filosofia para Crianças**. In: *Filosofia para crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman*. KOHAN, W. O.; WUENSCH, A. M. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 21-27.

SALLES, C. G. N. L. **O Projeto Filosofia na Escola: uma experiência com a prática filosófica na infância**. 2008. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.